



## Uma doce linguagem

### A sweet language

Danilo Marcondes de Souza Filho<sup>1</sup>  
danilosouzafilho@gmail.com

**Resumo:** A obra de Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil* (1580) foi de crucial importância para o estabelecimento da visão que os europeus se formaram dos nativos do Novo Mundo, em especial do Brasil. É certamente uma das fontes de Montaigne no *Ensaio* “Os canibais”, em particular o capítulo XX que relata um diálogo (*colloque*) entre um francês e um chefe nativo e que seria possivelmente a referência de Montaigne à “doce linguagem”. Procuramos mostrar como esse diálogo pode ser explorado de um ponto de vista da filosofia da linguagem contemporânea com um caso de “Interpretação radical”  
**Palavras-chave:** Novo Mundo, antropologia linguística, interpretação radical.

**Abstract:** Jean de Léry's *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil* (1580) was of central importance in establishing the view Europeans came to have of the natives of the New World, especially of Brasil. It can be almost certainly considered one of the sources of Montaigne's *Essai*, “Des Cannibales”. Chapter XX is particularly important since it reports a dialogue (*colloque*) held by a native chief and a Frenchman and it is a possible source of Montaigne's reference to a “sweet language”. I shall try to show that this dialogue can be analyzed from the point of view of contemporary analytical philosophy of language as a case of “radical interpretation”.  
**Keywords:** New World, linguistic anthropology, radical interpretation.

---

1 Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ), nos cursos de Graduação (Filosofia da Linguagem) e de Pós-graduação (Filosofia Moderna).

*All the understanding of the speech of another involves radical interpretation.*

Donald Davidson, *Radical Interpretation*

### O contexto histórico.

A expressão “uma doce linguagem” (*un langage doux*) encontra-se nos *Ensaio*s de Michel de Montaigne (I, 31, *Dos Canibais*) e se refere à língua dos Tupinambás, tribo do litoral sul do Brasil. Sua fonte é quase certamente a imensamente bem sucedida *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, de Jean de Léry, cuja primeira edição é de 1578, com inúmeras edições posteriores<sup>2</sup>.

Léry tinha como ambição apresentar uma descrição naturalista, quase científica do Brasil, mais precisamente da baía da Guanabara onde viveu em 1557 por quase um ano como membro da expedição francesa conhecida como *La France Antarctique* onde hoje se encontra a cidade do Rio de Janeiro e que à época era habitada por comerciantes franceses de pau-brasil. Mas, o texto de Léry é certamente bem mais complexo e opera em vários níveis como pretendemos destacar em seguida.

Essa missão foi inicialmente planejada por Gaspard de Coligny, o conde de Chatillon, um político francês, membro da alta nobreza, muito influente na corte de Henrique II. Coligny tornou-se um dos líderes mais importantes dos *buguenotes*, os calvinistas franceses, e que foi assassinado no famoso massacre da noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572), tornando-se assim um mártir do calvinismo francês o que fez com que fosse homenageado no Muro dos Reformadores em Genebra<sup>3</sup>.

O projeto utópico de Coligny consistia em criar no estabelecimento francês na baía de Guanabara um espaço em que católicos e protestantes pudessem conviver em harmonia. Não se tratava portanto de uma colônia propriamente porque o objetivo não era esse. A mudança de contexto geográfico levaria a uma mudança de relacionamento entre os dois grupos. Longe da violência, da fome, do frio, da peste na França daquele período, estariam dadas as condições de uma nova vida em conjunto para católicos e protestantes. Isso fazia com que o interesse da França no Novo Mundo fosse além do comércio de pau brasil. Quando Montaigne afirma na *Apologia de Raymond Sebond* que “somos católicos ou protestantes como somo alemães ou périgordianos”, está expressando esse tipo de visão.

Tratava-se assim da presunção de que, em um contexto diferente, no *paraíso tropical* que os franceses imaginavam existir no Novo Mundo, deveria ser possível

2 Cf. Pierre Villey, *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*.

3 Os documentos de Coligny foram queimados após seu assassinato na noite de São Bartolomeu, o que torna difícil reconstruir o projeto da França Antártica.

superar conflitos que segundo essa visão eram não apenas religiosos, mas políticos, econômicos e regionais. Embora comerciantes franceses já estivessem naquela região há muito tempo, o primeiro núcleo foi estabelecido pela expedição comandada pelo vice-almirante Nicolau Durand de Villegagnon, um aristocrata e aventureiro cumprindo ordens de Coligny. Foi construído em 1555 um forte na entrada da baía de Guanabara o que garantiria o controle do acesso por mar. Em 1556, Villegagnon, que apesar de abertamente católico, pode ter sido um cripto-protestante e era amigo pessoal de Calvino, de quem tinha sido colega na Faculdade de Direito da universidade de Orleans, escreveu-lhe uma carta pedindo que enviasse um grupo de pregadores calvinistas para ajudá-lo em sua missão. Dentre eles se encontrava Jean de Léry.

Um dos principais desafios que os Franceses tiveram que enfrentar consistiu em compreender a língua dos nativos Tupinambás para se comunicarem com eles. Para isso, o próprio Villegagnon preparou um breve dicionário, mais propriamente um glossário, da língua dos Tupinambás e um diálogo semelhante ao encontrado no livro de Léry e que posteriormente se perdeu. Para isso os franceses dependiam de intérpretes denominados *truchements*, em sua maioria marinheiros franceses que passaram a viver entre os nativos, passando a ter esposas nativas e adquirindo um bom domínio da língua.

O conhecimento da língua dos nativos era considerado tão importante que os franceses costumavam recrutar órfãos muito jovens, meninos e meninas pré-adolescentes, em vários orfanatos pelo interior da França, trazendo-os para o Novo Mundo e fazendo com que fossem viver entre os nativos de modo a aprender a língua dos nativos, servindo então como intérpretes, eles próprios se tornando *truchements*, com base na crença de que seria mais fácil para crianças aprenderem uma língua estrangeira. A expedição que trouxe Léry para o Novo Mundo trouxe também seis desses órfãos.

### **A Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil**

A obra de Léry teve muitas edições nos séculos XVI e XVII e ainda permanece em catálogo, tendo sido traduzida para o português, com edições recentes<sup>4</sup>. Claude Lévi-Strauss o considerava um dos primeiros autores a ter uma autêntica visão etnográfica no início da Modernidade. Foi assim um pioneiro na descrição do Novo Mundo com a formulação de um “primeiro olhar” (*un regard frais*), sendo por esse motivo considerada uma das obras mais importantes da assim chamada literatura das navegações a estabelecer essa “primeira visão” das Américas (Chiapelli, 1976; Lestringant, 1999).

Léry escreveu essa obra, contudo, mais de vinte anos após o período em que viveu no Brasil, com base em notas que conservou durante esse tempo e em larga

4 Original francês disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k580169/f1.image.langPT>

escala com o objetivo de responder a André Thevet, um cosmógrafo e padre católico, enviado ao Brasil como parte da mesma expedição, embora em uma data anterior. Thevet publicou um livro, *Les singularitez de la France Antarctique* (1556), em que acusa os calvinistas de intolerância, responsabilizando-os pelo fracasso do projeto utopista francês.

### *O capítulo XX*

Uma das partes mais interessantes e originais da obra de Léry é o capítulo XX, que tem como título “*Un colloque d’entrée ou arrivée en la terre du Brésil entre les gens nommez Toupinambaoults et Toupinenkins en langue sauvage et François*”. O texto visa uma discussão de algumas características mais relevantes da língua dos Tupinambás, uma tribo tradicionalmente aliada dos franceses. Apresenta um diálogo fictício entre um francês e um nativo e foi considerado especialmente importante, a ponto de ser destacado na capa da primeira edição de 1578, embora seja apenas um dentre vinte e dois capítulos.

Esse tipo de texto, com a estrutura de um diálogo (*un colloque*) era bastante comum entre os viajantes e tinha como objetivo servir de guia para os europeus recém-chegados ao Novo Mundo. Já no capítulo XIII Léry relata um diálogo mais breve que ele teve com um nativo que o questionou sobre os interesses dos europeus no pau brasil e lhe deu algumas explicações sobre as plantas e a vida animal na região; e o apresenta da seguinte maneira: “segue-se agora um relato sumário e verdadeira que ouvi da própria boca de um pobre selvagem americano”, sendo que esse relato já contém alguns dos itens que serão discutidos no capítulo XX, nosso principal foco.

Ao final do capítulo anterior (XIX) Léry anuncia que estará apresentando no que se segue um diálogo que teve com um nativo com a ajuda de um *truchement* que já vivera por quase oito anos dentre os nativos daquela tribo em particular e, portanto, era capaz de compreendê-los perfeitamente.

Os *truchements*, como dissemos acima, foram os primeiros intérpretes dos franceses no Novo Mundo. A palavra significa quase literalmente “intermediário” ou mesmo “porta-voz”, um “intérprete”<sup>5</sup>. Sua origem é provavelmente a mesma da palavra inglesa “dragoman” derivada do árabe “targuman”, um tradutor, uma palavra usada pela primeira vez aparentemente durante as Cruzadas.

O diálogo é apresentado como uma troca entre o nativo e o francês, um novato nas Américas, que pode ter sido o próprio Léry e pretende fornecer uma orientação para um primeiro contato (*un colloque d’entrée ou arrivée*) entre eles. É curioso que o *truchement* não participa em nenhum momento dessa troca. Não fica claro se consiste em um texto realmente redigido por Léry ou se pode ser uma transcrição de um texto do *truchement*.

5 Segundo o *Dictionnaire Le Robert*.

O diálogo tem dois objetivos centrais ao instruir seus leitores:

Comércio, especialmente devido aos imensos lucros com o pau brasil.

Objetivo político, consistindo em atrair o apoio e fazer alianças com tribos que eram inimigas de outras tribos, aliadas dos portugueses, os tradicionais rivais dos franceses em disputas territoriais naquela região.

Esse *colloque* é um dos poucos textos remanescentes da literatura das navegações da época a dar aos nativos uma voz. É claro, o autor não é inteiramente confiável, não sabemos realmente o que os nativos disseram, mas é significativo que Léry está interessado no interlocutor, em ouvi-lo, e para que a finalidade instrucional funcione ele deve ao menos tentar ser preciso e reproduzir tanto quanto possível a fala do nativo. Mas, apesar do estabelecimento do solo comum que permite a comunicação, a troca reflete também uma atitude de desconfiança de ambas as partes. Embora a imagem de “*un doux langage*” sugira uma visão próxima da idealização do “bom selvagem”, a análise do texto deixa clara as intenções do nativo que tem sua própria agenda de interesses e nada tem de ingênuo.

Há muito poucos registros da língua dos Tupinambás tal como falada no século XVI, em sua maioria feitos por missionários com fins de catequização. Esse diálogo é quase certamente uma criação ficcional tendo como objetivo prático estabelecer um solo comum para a comunicação e a interação, definindo um vocabulário básico para que o francês possa dar início a uma conversação com o nativo. Isso se reflete na relevância dos temas selecionados, que deveriam corresponder ao interesse do francês, mas também procura estabelecer traços fundamentais do modo de pensar do nativo e suas reações à fala do francês.

Léry, assim como a maioria dos autores que relatam esses primeiros contatos com os nativos, enfatiza sua loquacidade, quase uma verborragia. Essa fala foi quase sempre representada através do tropo retórico da “arenga”, isto é, um discurso extenso e vívido, apresentando um relato em termos elaborados, que os franceses consideravam excessivo. Os nativos eram muito falantes, tinham prazer em falar e sempre faziam muitas perguntas aos europeus cujos hábitos e aparência física lhes causavam grande estranheza, o que nos faz lamentar que tão pouco tenha sido preservado dessas primeiras trocas culturais. Daí a importância do texto que nos propusemos examinar.

Léry, por exemplo, relata como foi difícil ao chefe da tribo compreender porque os franceses, assim como os portugueses, desejavam tanto o pau brasil, seu principal interesse comercial e o principal motivo das expedições e das disputas territoriais. Uma vez que o comércio era seu objetivo primordial, imediatamente se tornou claro aos europeus que os nativos não tinham o mesmo sentido de troca comercial, a sociedade deles não se baseava na propriedade, na posse e na

troca comercial como a dos europeus, para os quais a negociação era essencial, a ponto de que com frequência estavam dispostos a dar em troca sua preciosa madeira por quase nada. Essa diferença cultural e econômica radical tornava a comunicação um grande desafio e os intérpretes eram raros e muito requisitados. Os obstáculos que enfrentavam diziam respeito não só à dificuldade de construir uma ponte entre línguas absolutamente sem nenhuma relação, mas também pela ausência de contexto compartilhado, já que seus hábitos, práticas e valores culturais eram totalmente diferentes. Isso representaria exatamente o que os filósofos da linguagem denominam de *interpretação radical*, a necessidade de formular hipóteses interpretativas para compreender uma linguagem inteiramente diferente<sup>6</sup> (Quine 2013 [1960], Davidson, 1973; Lewis, 1974). É importante notar que Léry, educado como pastor protestante calvinista, não tinha conhecimentos linguísticos específicos, seu interesse era puramente prático.

Uma vez que se trata de “*un dialogue d’entrée ou d’arrivée*”, ou seja, um primeiro contato entre um francês e um nativo, a saudação inicial e a troca de cumprimentos era um dos principais desafios, até porque os nativos eram considerados instáveis, podendo ser muito acolhedores ou extremamente agressivos, oscilando por vezes de uma atitude para a outra durante a mesma troca discursiva. A abertura do diálogo e o estabelecimento das bases da comunicação era essencial como primeiro passo do processo e determinante do desenrolar da troca.

Isso corresponde portanto à necessidade de se ter um solo comum ou um contexto compartilhado para desenvolver o “jogo de linguagem” pretendido. Um jogo de linguagem cujas regras não foram ainda estabelecidas e cujos participantes devem, segundo Wittgenstein, “criar as regras na medida em que vão jogando” (*Investigações Filosóficas*, § 83).

Como ocorre com frequência neste tipo de literatura, o personagem nativo não tem nome e não é identificado de nenhum modo, apenas como membro da tribo Tupinambá, tradicionais aliados dos franceses e inimigos dos portugueses. Mas certamente trata-se de um chefe tribal ou pelo menos um membro da tribo suficientemente importante para ter a atribuição do contato com os europeus, Léry chega a se referir a um “cacique”.

Embora o papel do nativo pareça passivo, já que ele participa do diálogo apenas para dar informações, o diálogo também alerta o hipotético leitor francês acerca da natureza inquiridora e da curiosidade dos nativos contra as quais o interlocutor europeu deve se precaver, estabelecendo assim o perfil identitário dos interlocutores e a combinação de objetivos cooperativos, a interação, e de conflito, a desconfiança.

6 Trata-se da famosa “tese” de Quine sobre a “indeterminação da tradução”, mantendo que em situações de contextos culturais radicalmente distintos há sempre várias traduções possíveis. O caso do coloque mostra que, se isso é verdade, a própria linguagem, contudo, tem suas formas de negociar qual dessas múltiplas possibilidades se aplica em um determinado momento, sem necessariamente a exclusão de outras.

Como o diálogo é criado com um objetivo instrucional, os pontos mais relevantes de nossa análise consistem nas escolhas que o autor faz acerca do que deve ser levado em consideração quanto à língua do nativo, isto é, as estratégias discursivas desenvolvidas ao longo do diálogo. Essas escolhas refletem as intenções e os interesses dos franceses assim como suas expectativas em relação aos nativos. O diálogo funciona em dois planos e, subjacente ao objetivo explícito de estabelecer um conhecimento básico do vocabulário e da gramática, também podemos identificar uma preocupação de caráter pragmático sobre a melhor maneira pela qual os franceses poderiam alcançar seus objetivos ao se comunicarem com os nativos. Tem portanto claramente um objetivo estratégico.

Segundo a análise de Grice, toda troca comunicacional tem sempre um objetivo que pode envolver cooperação e conflito, com frequência ambos ao mesmo tempo, funcionando assim em vários níveis, mais ou menos explícitos<sup>7</sup>.

Embora não seja estruturado de modo sistemático, podemos dividir o texto, em linhas gerais, em quatro partes mais importantes, com os pressupostos comunicacionais necessários.

Saudações e ofertas estabelecendo o comércio como objetivo central, incluindo a descrição do que os franceses tem a oferecer em troca do pau brasil. Trata-se da abertura do diálogo com o estabelecimento das posições dos interlocutores

Um vocabulário básico com nomes de plantas e animais e de suas características, por exemplo, se são comestíveis ou venenosos, o que era essencial para a sobrevivência dos europeus em um meio ambiente desconhecido e visto em parte como hostil.

Nomes de lugares tais como as aldeias dos nativos, rios e ilhas, algo essencial para a orientação.

O sistema de contar dos nativos assim como elementos da gramática e do léxico da língua dos Tupinambás.

Após os cumprimentos iniciais, que abrem esse ritual, em que o nativo pergunta ao francês se este veio para ficar e recebe uma resposta afirmativa, pergunta em seguida o que o francês traz, seguindo-se uma lista de mercadorias, incluindo roupas e uma descrição de suas cores e armas tais como canhões, mas também facas, facões e anzóis que eram extremamente úteis para a caça e a pesca já que os nativos não trabalhavam os metais. Desta forma um vocabulário básico é definido estabelecendo os nomes das mercadorias mais comuns que eram trocadas. O nativo pergunta em seguida o que o francês quer dele e segue-se uma lista de animais de caça que os nativos consumiam usualmente. O ato de fala que frequentemente serve de abertura a essa lista de nomes de roupas, armas e animais é exatamente “dar o nome” (*ndebé* ou *ndevé*), “Eu vou lhe dar os nomes dessas coisas”, dito pelo chefe

7 Grice, Logic and conversation.

nativo. “Dar o nome” enquanto um ato de fala é de importância capital, primeiro porque é um ato de autoridade, segundo porque atribui significado à realidade e permite que o estrangeiro, o francês, estabeleça uma relação com uma realidade até então desconhecida, porque sem nome, sem identificação, mesmo que a maioria das coisas nomeadas simplesmente não tenha tradução para o francês e deva ser descrita por analogia. Por exemplo, certos animais são descritos como um pequeno porco, provavelmente capivaras, ou parecidos com uma lebre, e algumas frutas como semelhantes a ameixas. Nomes de partes do corpo humano, masculino e feminino, também recebem nomes e são listados seguidos de um vocabulário básico útil na descrição da condição em que alguém se encontra, por exemplo, “estou com febre” ou “estou com fome”.

Enquanto o francês tinha necessidade de formular analogias especialmente no caso de plantas e de espécies animais para poder descrevê-las, é interessante notar como os nativos, eles próprios, tinham que adaptar seu vocabulário a coisas que a nada correspondiam em seu mundo. Por exemplo, como não trabalhavam metais usavam para “espada” a palavra “tacape” seguida do adjetivo “duro”, descrevendo assim a espada como um tacape particularmente duro.

Em seguida, o francês pergunta sobre a morada do nativo uma vez que era importante para os recém-chegados se localizarem geograficamente. Segue-se então uma lista de nomes de rios e de aldeias das redondezas. Contudo, quando o nativo pergunta onde exatamente o francês vai viver e se estará com Villegagnon, o líder dos franceses, sua resposta é evasiva, o que mostra que os franceses recebiam instruções para não dar muitos detalhes de sua localização, evidenciando assim a desconfiança, medo de possíveis ataques, etc. E quando o nativo pede para ver o que está em seu baú, o francês responde que fará isso depois, resistindo à curiosidade natural e à natureza inquiridora do nativo e procurando estrategicamente guardar os elementos de troca para um momento posterior, desta forma valorizando-os.

Contudo, o francês acaba por descrever e enumerar o conteúdo do baú e isso torna-se um pretexto para a apresentação do sistema de contar do Tupinambá. Havia muitos mitos em relação ao sistema de contar dos nativos, incluindo o de que não saberiam contar além de cinco, ou seja, além dos dedos de uma mão. Mas, o que de fato ocorria é que o sistema de calcular dos Tupinambás não era decimal, e não tomava dez, mas cinco como base. Léry se preocupa em explicar isso no texto, procurando desfazer o mito de que os nativos teriam uma mente “primitiva” no sentido de simplória ou limitada.

Em seguida temos uma lista de pronomes e de verbos mais comumente usados tais como “ser” e “ir”. Características peculiares da língua dos Tupinambás são também enfatizadas em contraste com o francês, por exemplo, a língua nativa teria diferentes formas de negação e diferentes expressões para “não”, incluindo formas usadas exclusivamente por homens e outras exclusivas para mulheres. Por outro lado,



Léry ressaltava também características das línguas nativas que surpreendentemente os franceses comparavam ao grego<sup>8</sup>. Por exemplo a existência do dual além do singular e do plural. Isso representaria a tentativa de se estabelecer um possível elo com uma língua da tradição clássica, o que contribuiria para reduzir a estranheza da língua dos nativos e incorporá-la à tradição ocidental. Elo de um ponto de vista linguístico absolutamente insustentável, mas corresponde às tentativas de estabelecer uma origem comum a todas as línguas.

O texto é interrompido de maneira um tanto abrupta e é possível que simplesmente tenha permanecido inconcluso.

### **Um caso de interpretação radical**

O diálogo apresenta um dos exemplos mais evidentes do problema da *interpretação radical*, formulado na filosofia analítica da linguagem contemporânea por Quine, Davidson e Lewis em alguns artigos de grande influência.

Os experimentos de pensamento que esses filósofos formularam de fato aconteceram nesse período quase quinhentos anos antes! E o texto de Léry indica uma solução pragmática para o problema. O que torna possível a superação das barreiras criadas pelas diferenças radicais entre as línguas são as intenções, ou objetivos, dos falantes em se comunicar, o que pode ser identificado pelo contexto compartilhado e o objetivo cooperativo da comunicação, segundo Grice (2004). O significado desse discurso deve ser entendido levando-se em conta as condições da troca linguística entre os dois participantes do diálogo.

A linguagem é um instrumento para a comunicação, para a compreensão das práticas de ambos os interlocutores e a melhor maneira de superar as dificuldades de comunicação é através da construção de um solo comum. Desta forma fica claro que mesmo apesar do caráter aparentemente hipotético do diálogo, nesse caso não há incomensurabilidade entre essas duas culturas tão radicalmente diferentes uma vez que se dá a intenção de comunicar e um contexto adequado pode ser estabelecido. É nesse sentido que se pode identificar aí as raízes da antropologia linguística que se desenvolverá séculos mais tarde, conforme indica Lévi-Strauss.

O “experimento social” da França Antártica foi de curta duração. Conflitos e divergências entre os dois grupos, os católicos e os protestantes, levaram ao abandono da colônia e algum tempo depois os portugueses tomaram posse da região e fundaram a cidade do Rio de Janeiro (1565)<sup>9</sup>. Mas, através da obra de Jean de Léry e de seu adversário André Thevet temos o ponto de partida de uma reflexão sobre a relação entre os conceitos de universalidade da natureza humana e da diversidade cultural dos povos. Essa reflexão é levada adiante e aprofundada por Michel de Montaigne principalmente em *Dos Canibais*, embora essas questões apareçam em

8 De fato, quando Montaigne se refere à “linguagem doce” na passagem que citamos acima, diz em seguida que os sons da língua nativa se assemelham aos sons “doces”, ou suaves, da língua grega.

9 Villegagnon retornou à França em fins de 1557.

vários outros ensaios e inclusive na carta-prefácio *Ao Leitor*. Além disso, temos um grande exemplo da relevância da linguagem como instrumento para a construção de pontes entre culturas que pareceriam pertencer a universos totalmente diferentes, muito antes de a linguagem ser vista no período colonial como “instrumento do império”<sup>10</sup> Além disso, temos um grande exemplo da relevância da linguagem como instrumento para a construção de pontes entre culturas que pareceriam pertencer a universos totalmente diferentes, muito antes de a linguagem ser vista no período colonial como “instrumento do império”<sup>11</sup>.

---

10 A referência é a António de Nebrija, autor da *Gramática de la lengua castellana*, que, quando interpelado sobre sua utilidade, teria respondido à rainha Isabel que “a linguagem é um instrumento do império”. O objetivo inicial dos franceses não era conquista territorial, mas comércio. O objetivo do projeto de Coligny tampouco era o de conquista e ocupação territorial, mas de realizar um experimento social que estaria circunscrito àquela região da baía de Guanabara. Houve também no mesmo período uma expedição enviada por Coligny à Flórida com objetivo semelhante, donde os franceses foram expulsos pelos espanhóis e quase todos exterminados.

11 A referência é a António de Nebrija, autor da *Gramática de la lengua castellana*, que, quando interpelado sobre sua utilidade, teria respondido à rainha Isabel que “a linguagem é um instrumento do império”. O objetivo inicial dos franceses não era conquista territorial, mas comércio. O objetivo do projeto de Coligny tampouco era o de conquista e ocupação territorial, mas de realizar um experimento social que estaria circunscrito àquela região da baía de Guanabara. Houve também no mesmo período uma expedição enviada por Coligny à Flórida com objetivo semelhante, donde os franceses foram expulsos pelos espanhóis e quase todos exterminados.

## Referências Bibliográficas

- Chiappelli, Fredi et al., editors. *First Images of America: The Impact of the New World on the Old*. 2 volumes. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. 1976.
- Davidson, Donald. “Radical interpretation”. *Dialectica*, 27, 1973, 314:318.
- Dictionnaire Le Robert*, Nouvelle Édition, Paris: Editions Robert, 2019.
- Grice. H.Paul. *Logic and conversation*, Berkeley & L. Angeles: University of California Press: 2004.
- Léry, Jean de. *Histoire d’un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris: Livre de Poche, 1997. Edição baseada na segunda edição de 1580 por Antoine Chuppin, La Rochelle.
- Lévi-Strauss, Claude. “Sur Jean de Léry” em Léry, Jean de. *Histoire d’un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris: Livre de Poche, 1997. 5:14.
- Lestringant, Frank. *Jean de Léry, ou l’invention du sauvage*, Paris: Honoré Champion, 1999.
- Lewis. David. “Radical interpretation”, *Synthese*, 27, 1974, 333:344.
- Montaigne, Michel de. *Essais*. Paris: Arléa. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Des Cannibales*. Paris: Folio. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Dos Canibais*. São Paulo: Alameda. 2009.
- Quine, W.v.O. “Translation and meaning” em *Word and object* (nova ed.) Cambridge, Mass.: MIT Press. 2013. [1ª.ed.1960].
- Thevet, André. *Singularitez de la France Antarctique*, em *Le Brésil d’André Thevez*, Paris: Chandeigne, 2011.
- Wittgenstein, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Os Pensadores. São Paulo: Abril. 1975
- Villey, Pierre. *Les sources et l’évolution des Essais de Montaigne*. [1908] <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k66607q.texteImage>. Primeiro acesso em 5 de julho de 2019.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.